

Editorial

Os *Cadernos de filosofia alemã: Crítica e Modernidade*, periódico integrante do portal de Revistas da USP, apresenta seu volume 21, número 03 de 2016. Trata-se de um dossiê com artigos inéditos que debatem a obra *On Revolution*, de Hannah Arendt, publicada 1963. Por ocasião do cinquentenário da referida obra, estiveram reunidos na Universidade Estadual de Campinas, entre os dias 21 e 24 de outubro de 2013, pesquisadoras e pesquisadores de diversas universidades do Brasil e do exterior que têm se dedicado aos estudos da autora homenageada. Assim, o leitor encontra nesta edição versões dos textos apresentados que já assimilaram as contribuições do debate realizado em Campinas e refletem o elevado nível do intercâmbio de ideias promovido pelo evento. Os artigos foram analisados de acordo com as regras editoriais dos *Cadernos* e submetidos à análise cega de dois pareceristas.

O texto “Poder, violência e revolução no pensamento político de Hannah Arendt” aborda a polêmica em torno da prática arendtiana de fixar distinções conceituais. André Duarte reconstrói a separação entre poder e violência enfatizando o que denomina seu “caráter relacional” em contraposição às leituras de Jürgen Habermas e Seyla Benhabib sobre o tema. Com este trajeto, o autor pretende demonstrar que as distinções procuram evidenciar diferentes aspectos de fenômenos políticos sem extraí-los das suas relações intrínsecas.

A valiosa experiência dos conselhos (comunas, *sociétés populaires*, soviets e *räte*) é analisada por Yara Frateschi em “Liberdade política e cultura democrática em Hannah Arendt”. Para a autora, a análise arendtiana desta experiência recorrente nos eventos revolucionários direciona o pensamento político contemporâneo para a estreita e recíproca relação entre liberdade política e institucionalização de espaços de poder. Este aspecto chave de *Sobre a revolução* revela uma compreensão arendtiana da democracia instalada nos espaços institucionais que, como “sementeiras”, promovem um “ethos democrático” mais amplo e dedicado ao cultivo do debate público e ao exercício de interesses comuns.

Paula Hunziker se propõe a contextualizar teoricamente as preocupações políticas de Arendt em um atenta leitura do texto “What is Existential Philosophy?”. Como o leitor poderá encontrar no texto “Hannah Arendt y la ‘revolución

Editorial

conservadora’: filosofia, revolución y modernidade”, distinções arendtianas como aquela entre “guerra” e “revolução” seriam melhor compreendidas à luz das críticas à filosofia da *Existenz* e dos problemas políticos pensados por Arendt aos longos dos anos 1950 e 1960.

Igor Vinícius Basílio Nunes aborda a conexão entre as preocupações de juventude de Hannah Arendt, momento em que a autora escreveu sua tese sobre o conceito de amor em Agostinho, e as discussões tardias sobre os desafios revolucionários da fundação e das perplexidades éticas provocadas pelo julgamento de Eichmann. Em “*Amor mundi* e espírito revolucionário: Hannah Arendt entre política e ética”, o conceito de *amor mundi* é explicitado como o elemento que permeia o conjunto da obra arendtiana e sustenta a própria possibilidade do *espaço-entre* enquanto condição do espírito revolucionário e de uma dimensão ética da existência humana.

Em “La revolución y el problema del origen. La fundación reconsiderada desde un horizonte político posfundacional”, Anabella Di Pego analisa como Arendt enfrenta o tema da permanência das instituições políticas, adotando o problema da fundação como eixo de reflexão. No texto aqui apresentado, a autora propõe a hipótese de leitura de uma política pós-fundacional, o que permitiria a Arendt manter o elemento da fundação, mas dispensar seu caráter de fundamento absoluto. No lugar desta referência perdida com o advento da modernidade, Arendt teria elaborado um fundamento contingente e de relativa estabilidade.

O enfrentamento de Arendt com os conceitos políticos tradicionais figura no texto que segue. De autoria de Julia Gabriela Smola, “El pensamiento político de Hannah Arendt: notas sobre revolución, promesa y fundación política” se apresenta como uma exposição pontual de algumas inovações teóricas que podem ser encontradas em *Sobre a revolução*, notadamente sobre os conceitos de soberania, fundação e promessas mútuas. Em suas considerações conclusivas, a autora lembra que as inovações de Arendt não devem ser compreendidas como um pensamento político avesso ao Estado, mas entusiasta da liberdade e da organização popular.

Etienne Tassin, por sua vez, procura identificar algumas aporias presentes em *Sobre a revolução* e no próprio desafio moderno de fundar corpos políticos estáveis sem o lastro de experiências tradicionais de autoridade. Em “Como continuar o que inicia: a tripla aporia revolucionária”, o autor procura levar ao limite as perplexidades que brotam da condição propriamente moderna de sustentar o permanente sobre o constante aparecimento do novo. Ao diagnosticar o fracasso das experiências modernas de fundação diante destas aporias, Tassin defende a

Editorial

hipótese de que o sucesso não é necessariamente um critério de compreensão da experiência revolucionária, considerando as condições de renascimento do espírito revolucionário uma preocupação mais adequada à proposta de Arendt em *Sobre a revolução*. O texto de Tassin foi traduzido por Paulo Bodziak Junior.

Sebastian Torres, em “¿Un momento maquiaveliano en Arendt? Republicanismo y revolución”, analisa a relação da obra arendtiana com o pensador florentino e defende a existência de vínculos profundos entre ambos. Ao resgatar preciosas referências bibliográficas ainda não editadas da autora, Torres acredita ser possível identificar o que denomina de “momento maquiaveliano”, notadamente em *Sobre a Revolução*, dada a centralidade do tema da permanência das instituições políticas que remeteria Arendt a uma “tradição republicana”.

Encerra este *Dossiê Arendt* o ensaio “Revolução e Liberdade”, escrito por Arendt entre 1966 e 1967, posteriormente à publicação de *Sobre a Revolução*. A versão aqui disponibilizada ao leitor foi editada e traduzida por Adriano Correia especialmente para este número dos *Cadernos de Filosofia Alemã*. Neste texto, inédito em português, Arendt retoma alguns dos temas centrais na obra de 1963, notadamente a violência, a questão social e a peculiar coincidência entre iniciar algo novo e ser livre. No pano de fundo destas considerações repousa sua impressão de que o século XX é politicamente atormentado pela violência, sendo raramente propício ao estabelecimento da liberdade política. Neste sentido, o texto se concentra em explicitar por que a revolução francesa teria assumido lugar central na tradição revolucionária devido ao papel decisivo da pobreza e da violência dela derivada quando buscadas soluções na política para a questão social. Por fim, o ensaio procura justificar a escolha arendtiana de ressignificar a palavra “revolução” como categoria política relevante, não a partir da experiência francesa do terror, mas da durabilidade e da liberdade garantidas pelas instituições americanas bem aventuradas em instaurar um novo início.

Por fim, reforçamos o convite às nossas leitoras e aos nossos leitores para que contribuam, através da submissão de textos, com a interlocução filosófica que os *Cadernos* pretendem estimular e aprofundar.